

# Gastos sim, mas com responsabilidade

Na visão da economista Juliana Damasceno, políticos e gestores precisam dar mais atenção ao planejamento para alcançar o equilíbrio entre o social e o fiscal

» RAPHAEL PATI\*

A responsabilidade fiscal e a responsabilidade social são difíceis de serem alcançadas em razão da falta de planejamento. É o que acredita a economista da Tendências Consultoria, Juliana Damasceno, que esteve no seminário Correio Debate — Desafios 2023: o Brasil que queremos.

“Quando a gente fala em responsabilidade, um dos pilares que não tem sido muito respeitado e bastante esquecido, é o planejamento. O planejamento é básico em qualquer contexto que você queira imaginar para além do amanhã”, argumentou.

Para a economista, essa organização passa pela questão da sustentabilidade econômica. Ela destacou que é importante lutar para corrigir os erros do passado e teceu críticas ao sistema de emendas de relator, chamado popularmente de Orçamento Secreto. Para ela, a correção desses erros está diretamente ligada à questão cultural dos políticos do país.

“Falta um pouco da cultura, de reavaliação de gastos, algo que lá fora é constantemente aplicado, se a gente ver a literatura e as boas práticas orçamentárias internacionais, existe toda uma metodologia muito bem elaborada e que o Brasil deveria se espelhar para voltar em programas que são ineficientes, corrigir esses problemas e fazer com que os recursos sejam melhor gastos”, considerou.

## Poucos resultados

Durante o painel, a economista também aproveitou para afirmar que “o político se orgulha de quando ele gasta muito, quando a métrica não deveria ser o gasto, mas o resultado”, e também argumentou que é necessário alocar bem os recursos, ainda mais se forem escassos.

“Enquanto a gente não mudar esse olhar e os políticos não colherem méritos porque estabilizaram

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



Juliana Damasceno: “Existe essa noção um pouco distorcida de que responsabilidade fiscal é austeridade fiscal”



“O político se orgulha de quando ele gasta muito, quando a métrica não deveria ser o gasto, mas o resultado”

Juliana Damasceno, economista da Tendência Consultoria

as condições macroeconômicas, conseguiram gerar crescimento através de juros baixos, incentivos à produtividade, reformas microeconômicas, enquanto for o gasto responsável por ser, sozinho, esse motor do crescimento, a gente vai continuar incorrendo mesmos erros e tendo problemas de cultivar essa sustentabilidade”, avaliou.

Entre os exemplos, a economista destacou o Auxílio Brasil, que, segundo ela, o governo falhou ao mudar a forma de distribuir os recursos. Em vez de repassar os valores, segundo a quantidade de membros na família, como no antigo Bolsa Família, o novo programa passou a adotar o modelo de distribuição para as famílias, em geral, sem considerar o número de membros.

“Desde novembro do ano passado, quando começou a vigorar esse novo formato, nós vivemos uma explosão considerável na quantidade de famílias unipessoais. Ou seja, as pessoas estão se

registrando de forma separada, simplesmente para acumular benefícios. De quem é o problema? De quem é o erro? É do governo, que não sabe desenhar uma política eficiente, bem localizada e que não fiscaliza isso”, criticou.

Além disso, Juliana trouxe ao debate a realidade de haver um entendimento de que a responsabilidade fiscal se resume em austeridade com o Fisco. Para a economista, o importante é garantir que os recursos sejam gastos da maneira mais eficiente possível.

“Existe essa noção um pouco distorcida de que responsabilidade fiscal é austeridade fiscal, mas não é simplesmente você gastar menos, é você gastar melhor. Nós temos recursos escassos e a qualidade desses gastos deveriam ser prioridades”, disse a economista.

\*Estagiário sob a supervisão de José Carlos Vieira

## EMENDAS DO RELATOR

# Orçamento secreto divide votação no STF

» LUANA PATRIOLINO

O julgamento que discute sobre a constitucionalidade da execução das emendas de relator, conhecidas como Orçamento Secreto, terminou sem definição na sessão de ontem do Supremo Tribunal Federal (STF). Os ministros Ricardo Lewandowski e Gilmar Mendes pediram mais tempo para analisar as ações, alegando o horário e a complexidade da matéria.

A discussão será retomada na próxima segunda-feira — dia da sessão de encerramento do Judiciário. Até o momento, o placar está em 5 a 4 contra o uso da emenda de relator. Sem formar maior, o único entendimento total entre os magistrados é de que falta transparência à prática atual.

Faltam apenas os votos de Lewandowski e Mendes. A discussão foi retomada nesta quinta-feira, um dia após o voto da relatora — que se posicionou pela inconstitucionalidade dos recursos. Para a magistrada, o pagamento das RP-9 a parlamentares, nome técnico

dos recursos, é “recoberto por um manto de névoas”.

Na discussão de ontem, Rosa Weber foi acompanhada por Edson Fachin, Luís Roberto Barroso, Cármen Lúcia e Luiz Fux. Os ministros Alexandre de Moraes e Dias Toffoli entenderam que a emenda de relator é constitucional, mas precisa de maior transparência e regras de proporcionalidade por partidos e necessidades dos estados e municípios. Já André Mendonça e Kassio Nunes Marques votaram pela liberação do orçamento secreto.

O julgamento é uma das mais aguardados do ano, pois tem impacto direto no governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e no Congresso Nacional. Durante a campanha, o petista posicionou contra o orçamento secreto. Depois, amenizou o tom e passou a defender uma solução meio-termo para o caso. Os repasses viraram moeda de negociação política entre o Executivo e o Legislativo durante a gestão de Jair Bolsonaro (PL). No Orçamento de 2023, são empenhados R\$ 19,4 bilhões para esse fim.

## De mudança

Rede sociais



» Um caminhão da empresa de mudanças Muda Brasília foi visto entrando no Palácio da Alvorada, a residência oficial do presidente da República, na tarde de ontem. A 16 dias para a posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a presença do caminhão pode ser um sinal de que Jair Bolsonaro (PL) está começando a desocupar a residência oficial para o seu sucessor. Além de Bolsonaro, a residência oficial do presidente da República está ocupada pela primeira-dama Michelle Bolsonaro e pela filha mais nova do presidente, Laura. Desde o resultado do 2º turno, o presidente tem evitado ir ao Palácio do Planalto, sede do governo. É do Alvorada que ele tem recebido aliados e cumprido poucos compromissos oficiais. Bolsonaro tem até o dia 1º de janeiro para deixar o local.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



# A opção preferencial de Lula pelos mais pobres

Ele se aniquilou...” e “todas as vezes que fizestes ao mais pequenino dos meus irmãos, a mim o fizestes” são dois textos bíblicos, respectivamente, Filipenses 2, 7 e Mateus 25, 40, muito citados pelos teólogos da “Teoria da libertação”, para os quais a divindade de Jesus se manifesta na sua radical humanidade. O encontro com o Senhor presente no pobre seria a gênese de uma nova práxis religiosa e política. Nas décadas de 1960 e 1970, essa nova doutrina social da Igreja Católica, resultante de uma interpretação do Concílio Vaticano II, principalmente na América Latina, resultou na formação das comunidades eclesiais de base, principalmente nas zonas rurais, e no crescente envolvimento dos padres com movimentos populares e de esquerda, inclusive armados, até o Vaticano puxar o freio de mão, sob comando do papa João Paulo 2º e, principalmente, Bento 16.

Ontem, o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT), no “Natal dos Catadores”, organizado pela Associação Nacional dos Catadores em São Paulo, do qual participa há 19 anos, prometeu ao padre Júlio Lancellotti, coordenador da Pastoral do Povo da Rua de São Paulo, que irá se encontrar com os moradores em situação de rua na capital paulista assim que tomar posse na Presidência. “Faltando 15 dias para assumir a Presidência, é um compromisso meu que vamos dar uma vida decente para o morador de rua”, afirmou.

“Agora, estão colocando paralelepípedos embaixo da ponte, criando obstáculos embaixo da ponte, colocando coisa de ferro para não ter espaço para vocês dormirem. Não é que eles não cuidam. É que eles não querem nem que vocês tenham direito de deitar embaixo da ponte. Não tem nenhum significado, nenhum sentido humanista, não tem nenhum sentido de paixão, de amor, não tem nenhum sentido de compreensão só porque vocês vivem nesse país”, discursou. Era uma resposta ao veto de Bolsonaro à lei do Congresso que proíbe esse tipo de prática.

O discurso de Lula criou mais confusão no mercado, porque nele também falou que colocaria os pobres no orçamento e os ricos no imposto de renda. É uma síntese do que vem falando aos colaboradores mais próximos, mas provoca urticária no mercado financeiro. O petista deve sua eleição aos pobres e às mulheres. Avalia que a prioridade do governo deve ser garantir esse apoio; depois, resolver o problema fiscal. Ou seja, Lula vai contrariar a elite política e econômica do país. É mais ou menos a mesma postura do presidente Getúlio Vargas na década de 1950, quando voltou ao poder nos braços do povo. Como se sabe, em agosto de 1954, o então presidente da República preferiu o suicídio à renúncia, deixando uma carta testamento que viria a nortear o movimento sindical e a esquerda brasileira até o golpe militar de 1964.

## Narrativa moral

Mas o discurso de Lula para os catadores de lixo, ao lado do padre Júlio Lancellotti, tem outro significado. Pode ser a chave para voltar a disputar a liderança moral da sociedade, perdida nos escândalos do governo petista, com uma narrativa humanista impregnada de religiosidade católica, que perdoa e promove a caridade. Não será um movimento fortuito e isolado. A Igreja Católica perdeu terreno nas periferias e favelas das cidades brasileiras para os pentecostais e não tem a menor chance de recuperá-lo, a não ser defendendo os preceitos do papa João 23 (1958-1963), que provocou uma revolução na Igreja ao convocar o chamado Concílio Vaticano II (1962-1965). A palavra de ordem do papa octogenário, para surpresa geral, era “aggiornamento”, ou seja, a atualização da Igreja, o que deveria ser feito pelo PT e seus aliados históricos, em aliança tácita com o clero católico. O Papa Francisco pode dar uma força.

Fernando Meirelles, no filme “Dois Papas”, reproduz o diálogo entre o papa Bento 16 (Anthony Hopkins) e o então cardeal Jorge Mario Bergoglio (interpretado por Jonathan Pryce) em 2012, num encontro em Roma:

— Acha que a Igreja está falhando? — pergunta Bento 16.

— Estamos perdendo fiéis — responde Bergoglio preocupado.

(...)

E continuou: — Parece que sua Igreja...

— Minha Igreja? — retrucou Bento 16.

— Nossa Igreja... está indo por um caminho com o qual não consigo compactuar. Ou não está indo para lugar algum... num momento que pede mudanças. Parece que não fazemos parte desse mundo, não pertencemos a ele, não estamos conectados — insistiu Bergoglio.

Irritado, Bento 16 encerrou a conversa logo a seguir.

Como diria o compositor Antônio Carlos Jobim, o Brasil não é para principiantes. Ontem, enquanto Lula conversava com os catadores, o tempo fechou em Brasília: choveu e o Congresso mostrou que não é apenas Bolsonaro que não digeriu a vitória de Lula. Enquanto empacava no Senado a mudança na Lei das Estatais, que permitiria aos dirigentes petistas ocuparem cargos nas estatais — principalmente Aloizio Mercadante na presidência do BNDES —, a aprovação da PEC da Transição, que garante o Bolsa Família de R\$ 600, era adiada para a próxima semana.